

## **A pesquisa enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem na Educação Básica**

### **Henrique Bertoldi**

Estudante do 3º ano do Ensino Médio (EM) na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda.  
henriquebertoldi26@gmail.com

### **Gustavo Bertoldi**

Estudante do 3º ano do Ensino Médio (EM) na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda.  
gustavobertoldi2@gmail.com

### **Náthaly Gugel**

Estudante do 3º ano do Ensino Médio (EM) na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda.  
nathalygugel30@gmail.com

### **Ana Laura Lisch**

Estudante do 3º ano do Ensino Médio (EM) na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda.  
analaurlisch@gmail.com

### **Gerson Junior Naibo**

Mestre em Geografia e mestrando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), ambos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Professor de Geografia e de Estudos e Projetos Culturais na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda.  
gerson.naibo@estudante.uffs.edu.br

### **Tayane de Oliveira**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo) na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Bolsista da UFFS.  
tayne.oliveira@estudante.uffs.edu.br

### **Juliana dos Passos**

Especialista em Tecnologias digitais aplicadas à educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) e em Interdisciplinaridade na educação pelo Centro Universitário FACVEST - UNIFACVEST. Professora orientadora do Laboratório de Informática na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda.  
julydospassos@yahoo.com.br

**Simone Ugolini Gianezini**

Especialista em Arte-Educação pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX) e em Contação de Histórias pela Faculdade Santa Rita. Gestora escolar na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda.  
simone.gianezini@hotmail.com

**Resumo**

Historicamente, o processo de pesquisa no ensino básico tem sido pouco fomentado, e a sua realização é dificultada em razão do desmonte que a educação pública vem sofrendo no Brasil desde a década de 1990. Pensando em um contexto promissor e de (re)existência, o presente artigo objetiva registrar a história do projeto “A escola vai às comunidades”, em desenvolvimento na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda, na comunidade Linha São Brás, município de Palmitos, Santa Catarina (SC). Neste mesmo sentido analítico, buscamos compreender também a importância da pesquisa para a formação intelectual e crítica dos estudantes da Educação Básica, no âmbito do Ensino Médio (EM). Sendo de base qualitativa, os procedimentos metodológicos se basearam em duas etapas: (1) levantamento teórico-bibliográfico e (2) registros imagéticos, utilizando-se de relatos informais de sujeitos envolvidos no projeto. Como resultados desta investigação, apontamos que o planejamento e a mobilização coletiva da comunidade escolar são essenciais para a realização de projetos curriculares e extracurriculares, assim como de pesquisas. Por fim, concluímos que a produção de ciência pode e deve extrapolar os muros das universidades, sendo a escola um terreno fértil para análises igualmente precisas, especialmente no que tange ao cotidiano dos estudantes e seus lugares de vivência.

**Palavras-chave:** A escola vai às comunidades; Ensino Médio; Pesquisa na escola; Conhecimento crítico.

**Abstract**

Historically, the research process in basic education has been little encouraged, and its execution is hindered due to the dismantling of public education in Brazil since the 1990s. In the context of a promising environment of (re)existence, this article aims to document the history of the project “A escola vai às comunidades” (The school goes to the communities), developed at Jorge Lacerda Basic Education School, located in Linha São Brás community, Palmitos municipality, Santa Catarina (SC). In this analytical sense, we also aimed to understand the importance of research for the intellectual and critical formation of high school students. Based on a qualitative approach, the methodological procedures consisted of two stages: (1) theoretical and bibliographical research, and (2) visual documentation, using informal reports from individuals involved in the project. As outcomes of this investigation, we point out planning and collective mobilization within the school community are essential for the implementation of both curricular and extracurricular projects, as well as for conducting research. Finally, we conclude the production of science can and should transcend the walls of universities, with schools serving as fertile ground for equally accurate analyses, especially concerning students' daily lives and their places of experience.

**Keywords:** The school goes to the communities; Middle School; Research at school; Critical knowledge.

## 1. Aspectos iniciais de uma investigação sobre a pesquisa na Educação Básica

### MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

[...]

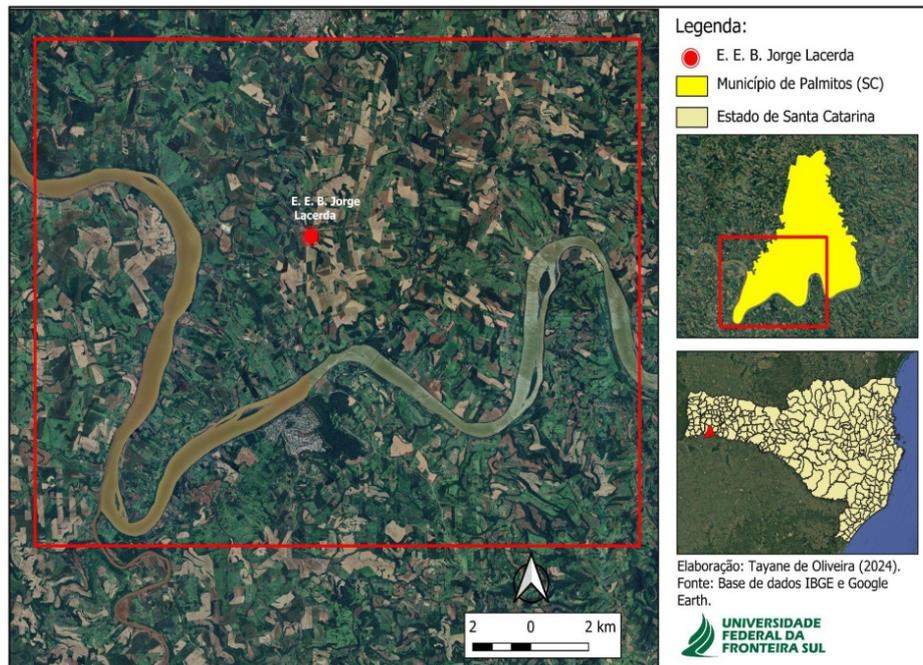
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

*Carlos Drummond de Andrade*<sup>1</sup>

A escola é uma instituição de ensino com grande potencialidade para a realização de pesquisas considerando diversos fatores, dentre eles a imersão dos estudantes nos seus lugares de vida e de convivência. Levando isso em conta, o conceito geográfico de lugar ganha um papel importante nas pesquisas escolares e também no projeto “A escola vai às comunidades”, em desenvolvimento na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda, na comunidade Linha São Brás, município de Palmitos, Santa Catarina (SC) (Figura 1). Isso se justifica, pois, no processo cognitivo de formação e de constituição do conhecimento, seja por meio de uma aula convencional ou pelo desenrolamento de uma pesquisa teórica e/ou empírica, “entendemos que, partindo do lugar em que se vive, é mais fácil compreender os fenômenos. É mais fácil organizar as informações, podendo-se teorizar, abstrair do concreto, na busca de explicações, de comparações, de extrapolações” (Callai, 2003 [1998], p. 61). Mesmo que, conforme problematiza a geógrafa citada, o local não deve estar em momento algum desarticulado das outras escalas, tais como o regional, o nacional e o global. Em suas expressões, a pesquisadora argumenta que “as explicações para entender a realidade estudada exigem um vaivém constante entre os diversos níveis de análise, em que se cruzam as interpretações que decorrem do local ou do regional, considerados em sua totalidade [...]” (Callai, 2003 [1998], p. 61).

---

<sup>1</sup> Poema “Mãos dadas”, de Carlos Drummond de Andrade (2024 [1940], p. 36, grifo do autor). A imagem da assinatura do autor esta disponível em: <https://carlosdrummondagora.blogspot.com/2011/10/comentario-o-texto-conta-umahistoria.html>. Acesso em: 7 dez. 2024.



**Figura 1:** Localização da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda  
Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

A partir dessa conjuntura apresentada, o presente artigo objetiva registrar a história do projeto “A escola vai às comunidades” e compreender a importância da pesquisa para a formação intelectual e crítica dos estudantes da Educação Básica, no âmbito do Ensino Médio (EM). Sendo de base qualitativa (Godoy, 1995), esta investigação se alicerça e se organiza em dois movimentos/instrumentos de análise que foram realizados de maneira dialógica e inter cruzada: i) breve levantamento teórico-bibliográfico, considerando as publicações já efetivadas em repositórios científicos e acadêmicos sobre o tema central da investigação<sup>2</sup>; e ii) registros imagéticos<sup>3</sup> e relatos de experiências (sobretudo depoimentos escritos/informais de envolvidos no projeto, na edição de 2024<sup>4</sup>), levando em conta as vivências dos autores e coautores desta pesquisa – estudantes, professores, orientadores, coorientadores e gestores educacionais.

2 Segundo pontuam Ribeiro, Andreis e Naibo (2019, p. 94), “esta parte da metodologia se realiza por meio de uma revisão literária, a respeito das teorias que envolvem o tema principal. Ao fazê-la objetivamos coletar informações sobre a área do conhecimento a ser estudada, selecionar as melhores técnicas e, sustentar-se teoricamente para embasar a pesquisa empírica”.

3 Consideramos que o registro das imagens e fotografias dos estudantes neste artigo é autorizado, porque este se configura como uma atividade educacional (que articula a produção e a popularização da ciência em uma dinâmica dialógica entre a escola e a universidade), no âmbito da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda. Isso se sustenta, visto que, no ato de matrícula, os pais e/ou responsáveis das crianças e/ou adolescentes assinaram o Formulário de Matrícula, autorizando “[...] o uso de imagem de meu filho(a)” (Santa Catarina, 2024, n.p.).

4 Destacamos, também, que, em função da grande maioria dos depoimentos informais ser de autores e de coautores deste artigo, quando identificados, foram realizados pequenos ajustes ortográficos e gramaticais, apesar de reconhecermos a importância de manter a originalidade linguística dos sujeitos envolvidos.

Estruturalmente, para além da presente seção introdutória, o artigo está organizado em três tópicos: (2) uma sucinta discussão teórica sobre o processo de pesquisa na escola e a sua importância educativa; (3) análises com vistas a atender o objetivo central da pesquisa, partindo do registro imagético e de experiências empíricas na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda; e, por fim, (4) as considerações finais, desafios da pesquisa e as perspectivas para o andamento futuro do projeto. Portanto, antes de partirmos para as questões eminentemente teóricas e analíticas, é indispensável evidenciar que este é um texto protagonizado por estudantes de uma turma do 3º ano do EM, sendo estes – e os demais estudantes desta instituição escolar – os principais sujeitos-alvo do projeto “A escola vai às comunidades”.

## 2. Pesquisa na escola: é possível?

A realidade da educação brasileira nos últimos anos e décadas tem sido extremamente desafiadora e complexa para os seus profissionais em atuação, especialmente tratando-se da Educação Básica. Esse sistema tem sido atacado incansavelmente por um contexto de fomento empresarial, financeiro e neoliberal<sup>5</sup>, através das inúmeras reformas educacionais dos tempos hodiernos<sup>6</sup>. Como defende o professor e geógrafo Willian Simões (2017), o cenário de subalternização da educação torna-se ainda mais intenso no que diz respeito às Ciências Humanas (no caso do Ensino Fundamental, compreende as disciplinas de Geografia, História e Ensino

Religioso; e no Ensino Médio, os componentes curriculares de Geografia, História, Filosofia e

<sup>5</sup> De acordo com a proposição do geógrafo britânico David Harvey (2014 [2005], p. 12), “o neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser mais bem promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio”. No que diz respeito ao contexto educacional atual, essa discussão é traçada por Trevisan, Oliveira e Naibo (2024). Segundo os autores, “[...] em uma sociedade permeada pelo avanço do modelo econômico neoliberal, que individualiza e mercantiliza a vida, os jovens estudantes são produzidos cada vez mais à margem de seus próprios cotidianos. Isso significa dizer que o conteúdo – a vida social – de suas formas – o espaço geográfico – está intrinsecamente condicionado a atender interesses de um mundo capitalista, através de uma ofensiva massificação e tecnificação dos sujeitos por meio dos territórios escolares. O projeto de escola da atualidade, enquanto uma extensão da sociedade neoliberal, concebe os jovens enquanto um eterno vir-a-ser. Uma constante idealização da persuasão juvenil em solos pouco maciços. É comum a pressão, durante os anos finais do percurso escolar, quanto à escolha de uma profissão, de forma que, esses estudantes, ao venderem sua mão de obra, sejam validados pela força de trabalho. Essa perspectiva se reforça e se reafirma posteriormente às reformas na educação, aplicadas após o golpe de Estado de 2016 que ocorreu no Brasil. Especialmente, essa disputa da agenda neoliberal na educação brasileira ganha ainda mais força com a Lei n.º 13.415/2017, uma vez que essa estabelece mudanças significativas na carga horária do Ensino Médio e na organização curricular desta etapa de formação [...]” (Trevisan; Oliveira; Naibo, 2024, p. 2-3).

<sup>6</sup> Entre muitas, citamos o caso da Emenda Constitucional n.º 95 de 2016 (promulgada após o golpe), que instituiu o teto de gastos e congelou os investimentos na educação e em outras áreas, ao longo de 20 anos, sem reajuste inflacionário. Ademais, mencionamos também a Lei n.º 13.415/2017, que implementou o Novo Ensino Médio (NEM) nas escolas de Educação Básica e ampliou a carga horária total, bem como instaurou novas disciplinas visando à formação dos estudantes para o mercado de trabalho. Lastimavelmente, nesse contexto, houve a diminuição da carga horária das Ciências Humanas, deixando de lado a criticidade dos jovens estudantes. Para aprofundar a leitura sobre o assunto, recomendamos Cássio e Goulart (2022).

Sociologia), embora essa área do conhecimento tenha um papel fundamental no processo de escolarização das crianças e dos jovens na contemporaneidade. À vista disso, segundo analisa o pesquisador, “é preciso considerar que cada um dos componentes, como resultado do movimento mais amplo da história da ciência moderna, guarda consigo um caminho teórico-metodológico e epistêmico, um aporte conceitual/categorial de seu campo intelectual” (Simões, 2017, p. 48).

Entretanto, após essa breve interlocução com a conjuntura educacional brasileira, de maneira direta, propomos aqui – uma dentre diversas outras possibilidades de resposta efetiva para essa indagação apresentada no título desta seção (pesquisa na escola: é possível?) – que não é possível haver uma Educação Básica de qualidade sem o desenvolvimento de pesquisas. E não nos referimos às famosas pesquisas escolares, nas quais os estudantes são instruídos a pesquisarem – em livros, almanaques, documentos e, mais recentemente, na *internet* – sobre um assunto do currículo educacional. Mas, sim, a uma investigação baseada em teoria, método e técnicas, que configura o que é o “fazer ciência”, conforme explica a pesquisadora e socióloga brasileira:

Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados (Minayo, 2012, p. 622).

Nesse sentido, não é possível pensar o processo de produção científica na escola sem uma mediação direta, contínua e insistente do professor com os estudantes. Como elucida o poema de Carlos Drummond de Andrade (2024 [1940], p. 36), citado na epígrafe deste artigo: “Entre eles, considero a enorme realidade. O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”. O poema do escritor, contista e cronista brasileiro acima mencionado traz consigo tessituras da relevância do coletivo na construção da realidade presente, e é em direção a esse caminho que a pesquisa na Educação Básica deve ser lançada. É na potência do coletivo e do/com debate que a escola se configura enquanto uma produtora-consumidora de conhecimentos científicos.

A prática científica (mesmo que escolar), ademais, exige um alto nível de rigor, demandando atenção às instruções iniciais para a elaboração de um projeto de pesquisa, às recomendações para a realização de investigações em fontes de dados confiáveis e, também, às questões de formatação e redação. É crucial, sobretudo, que os textos sejam claros e coerentes, adequados à faixa etária e ao nível de compreensão dos estudantes e pesquisadores, mas que consigam se comunicar eficazmente com a comunidade em geral, cumprindo, assim, o seu papel. Isso, porque, conforme sustentado por

Gerson Junior Naibo (2024, p. 58, grifo do autor), “[...] toda a pesquisa é social, política, contínua e histórica, enquanto modo de pensar e produzir conhecimento, que resultará em novas dinâmicas, tangenciadas em diferentes escalas, econômicas, culturais e geográficas – local, regional, nacional, continental, global”.

Teoricamente pensando, mesmo que a pesquisa na escola esteja de forma pouco presente na realidade da Educação Básica Brasileira, historicamente alguns pesquisadores tenham se debruçado sobre o tema, debatendo suas possibilidades e potencialidades, apesar disso, essa discussão ainda está em falta no meio acadêmico e escolar, mesmo com o que os pesquisadores já têm feito preliminarmente. Nesse sentido, Maria Otilia Guimarães Ninin (2008) afirma que um dos primeiros passos para a efetivação da pesquisa na escola é planejar as intervenções de modo que os alunos consigam desenvolver suas investigações de maneira mais sistematizada, constituindo, para além da atribuição de uma nota final, mas também por “[...] fatores de dúvida, curiosidade, inovação, encantamento” (Ninin, 2008, p. 28). Além desses pontos mencionados, o professor deve estar sempre atento quanto aos materiais disponíveis aos estudantes para a realização das pesquisas e ao seu andamento de modo geral, uma vez que as leituras dos textos e das bibliografias utilizadas se tornam um ponto relevante para definir a rigorosidade científica, mencionada anteriormente.

Outro elemento pertinente que deve ser considerado ao longo do processo de pesquisa na escola é a revisão cuidadosa dos textos e dos materiais já produzidos pelos estudantes. Por isso, destacamos que a pesquisa na Educação Básica pode ser realizada de maneira interdisciplinar, considerando as potencialidades de cada uma das disciplinas curriculares, tais como Geografia, História, Arte, Língua Portuguesa e Literatura, entre outras. Além disto, segundo argumenta Maria Otilia Guimarães Ninin (2008), a realização de pesquisas na sala de aula escolar deve ser elaborada seguindo um passo a passo, de modo que não seja algo somente a ser copiado da *internet*, e, por consequência, se tornem os “[...] velhos modelos voltados às cópias e ao acúmulo de conteúdos e conceitos” (Ninin, 2008, p. 33), que, na atualidade, se mostram ainda mais problemáticos em razão da existência e da popularização das mais diferentes ferramentas de Inteligência Artificial (IA) disponíveis de maneira facilitada aos estudantes e toda a sociedade.

A pesquisa na sala de aula, contudo, exige um processo de reflexão e de problematização dos conteúdos estudados ao longo de um ano letivo, inclusive o considerando e o relacionando ao currículo de anos letivos anteriores. Por isso, o processo de pesquisa não pode estar desconectado de um contexto disciplinar e curricular que foque na compreensão de conceitos científicos em diálogo com uma ou mais realidades empíricas em investigação pelos sujeitos escolares. Em um

estudo publicado por Lüdke e Cruz (2005), visou-se debater as problemáticas e as fragilidades da pesquisa no Ensino Básico, e, logo de início, compreende-se que, de acordo com a grande maioria dos professores entrevistados, a pesquisa é algo com que eles sequer estão familiarizados, devido à ausência dela ao longo do seu processo formativo nos Cursos de Licenciatura – sobretudo para os professores que não possuem títulos de mestre e/ou doutor.

Nessa mesma perspectiva, de acordo com Merise Santos de Carvalho (2004), é necessária uma melhor articulação entre universidades e escolas, em virtude de que os professores-pesquisadores vinculados a instituições de Ensino Superior que formam docentes para atuar na Educação Básica se encontram bem preparados e articulados teórica e metodologicamente, mas que, no entanto, não tem feito com que esses conhecimentos e metodologias cheguem à escola e aos estudantes. Uma das possibilidades para mitigar tais obstáculos, segundo Lüdke e Cruz (2005), é por meio de parcerias entre os professores das escolas de Educação Básica e os professores já mestres e doutores, trabalhando de forma integrada, buscando possibilitar experiências e atividades de pesquisas aos estudantes em nível escolar.

Considerando as problemáticas acima expostas, trazemos como contribuição para a discussão da temática o que vem sendo desenvolvido na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda, especialmente no ano de 2024, por meio do projeto “A escola vai às comunidades”. Esse movimento de imersão dos jovens na pesquisa científica tem sido coordenado pelo professor de Geografia e de Estudos e Projetos Culturais – disciplina eletiva do EM – da referida instituição de ensino<sup>7</sup>. Imediatamente, no tópico seguinte, buscamos traçar de modo claro e objetivo as atividades que foram desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2024, bem como as parcerias firmadas através do projeto, para a realização destas pesquisas que deverão ser publicadas, no decorrer do ano de 2025.

### **3. A importância da pesquisa na Educação Básica: registros, memórias e alguns indícios possíveis a partir do projeto “A escola vai às comunidades”**

Antes de avançarmos nas discussões mais prolongadas, reiteramos que existem dois textos sobre o projeto “A escola vai às comunidades”, apresentados e publicados nos Anais do XIII Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS). Os trabalhos em questão são intitulados “A escola vai às comunidades: a pesquisa como possibilidade educativa”, de Gerson Junior Naibo *et al.* (2024); e “Pesquisa na Educação Básica: um relato de

<sup>7</sup> Este, o professor Gerson Junior Naibo, é também um dos coautores do presente artigo, e teve um papel fundamental na sua proposição, organização, sistematização e escrita das pesquisas e deste texto.

experiência na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda”, de Paulo Vitor Gallon *et al.* (2024). À vista disso, reconhecemos que o presente item é uma extensão discursiva desses dois breves resumos científicos supramencionados, conforme veremos adiante.

De maneira geral, afirmamos que o projeto “A escola vai às comunidades” nasceu de uma necessidade emergente ao contexto educacional da época, em meio à pandemia da Covid-19<sup>8</sup>, que provocou inúmeras transformações espaciais e sociais no Brasil e no mundo. Nessa situação, em 2020, considerando as dificuldades dos estudantes de acessar as atividades didático-pedagógicas enviadas pelos professores de maneira *online*, a gestora educacional e os demais membros do Conselho Deliberativo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda se deslocavam até as residências dos estudantes – em comunidades rurais distantes a mais de 1h da sede da instituição escolar – para a entrega física dos materiais de estudos, com o objetivo de tornar os processos de ensino-aprendizagem acessíveis e disponíveis a todos os estudantes, de maneira democrática, mitigando as defasagens desse cenário sanitário e educacional extremamente críticos.

Ainda naquele ano letivo, tendo em vista as angústias desse período de afastamento e de isolamento físico/social, com os olhares atentos da mesma equipe, foram confeccionados e entregues biscoitos natalinos, juntamente com uma mensagem de esperança de vida, em todas as localidades de abrangência da escola (Figura 2 A; Figura 2 B), considerando rigidamente as orientações e as regras do Plano de Contingência Estadual para Educação (PlanCon)<sup>9</sup>. Conforme nos relata – emocionada – a gestora escolar Simone, que acompanhara toda essa jornada simbólica de entregas natalinas:

*Em muitas das situações a entrega dos biscoitos foi além da comunidade de estudantes e de familiares atendidos pela Escola de Educação Básica Jorge Lacerda, pois muitas outras pessoas também foram agraciadas, e dentre algumas dessas pessoas, foi a primeira vez que receberam a visita do Papai Noel (Simone Ugolini Gianezini, depoimento oral/informal, 2024, grifo nosso).*

8 De acordo com Naibo e Graeff (2022, p. 2019), “a pandemia da Covid-19, no Brasil, iniciada durante os primeiros meses de 2020, provocou inúmeras mudanças no funcionamento das instituições, nos mais variados âmbitos e serviços. Os estabelecimentos de saúde foram surpreendidos com a alta demanda nos atendimentos, tendo que funcionar em regime de emergência, sendo um dos poucos serviços que manteve o seu funcionamento de forma presencial. Outras atividades, não consideradas essenciais, tiveram que se adaptar ao formato remoto, mediado por tecnologias de informação e comunicação (TICs)”. Tratando-se dos espaços educacionais, segundo pontuam os geógrafos, “repensar o modelo de ensino nas mais variadas escalas e níveis se fez necessário, dada a extensão e o alargamento da pandemia. Então, mesmo com diversos desafios entremeados, o modelo de ensino remoto, em caráter emergencial, passou a ser adotado pelas escolas, institutos, universidades e instituições de ensino” (Naibo; Graeff; Campos, 2022, p. 84).

9 Segundo a União dos Dirigentes Municipais de Educação de Santa Catarina (Undime-SC, 2020, n.p.), “o PlanCon estipula oito diretrizes de ações operacionais para o retorno das aulas presenciais, incluindo medidas sanitárias, pedagógicas, de transporte, de alimentação, de gestão de pessoas e de informação e comunicação. Ainda descreve metodologias para o treinamento, capacitação e finanças. O plano foi criado pelo Comitê Estratégico de Retorno às Aulas da Secretaria de Estado da Educação, formado por mais de 15 instituições, e o Comitê Técnico Científico da Defesa Civil de Santa Catarina”.



**Figura 2 A:** Confeção de biscoitos natalinos para entrega aos estudantes e seus familiares  
Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2020).



**Figura 2 B:** Entrega de biscoitos natalinos nas famílias e visita do Papai Noel  
Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2020).

Nessas idas e vindas da equipe escolar às comunidades rurais de abrangência da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda, notou-se a potencialidade desses lugares, fundamentalmente instigando a necessidade de conhecê-los e melhor compreendê-los, para, assim, qualificar e aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Foi, então, nesse contexto que se percebeu a demanda de os professores conhecerem “mais a fundo” a realidade das crianças e dos jovens da escola, bem como a das suas comunidades rurais onde residem e têm as suas vivências diárias. Logo, visando à expansão do projeto, durante uma semana de formação docente do mês de julho de 2022, os professores realizaram excursões – visitas de campo – até as comunidades rurais atendidas por essa instituição de ensino (Figura 3).



**Figura 3:** Visita dos professores as comunidades de abrangência da escola  
Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2022).

A cada ano que passava, o projeto “A escola vai às comunidades” se tornava mais potente, instigante e indispensável. Então, no ano de 2023, por uma demanda do Grêmio Estudantil da época, aconteceu um movimento semelhante, no qual os estudantes da escola também visitaram essas comunidades rurais (Figura 4 A; Figura 4 B). Essas visitas a campo foram fundamentais para promoverem conhecimentos e saberes sobre essas áreas rurais – tais como: o processo de colonização, a economia, a dinâmica populacional, a cultura, a religião, entre outros – e igualmente

por despertar o senso de pertencimento e comunhão entre os estudantes (com essas localidades, as suas famílias, as suas ancestralidades e historicidades), reconhecendo, assim, as suas diferentes realidades socioespaciais e socioculturais.



**Figura 4 A:** Visita de campo com os estudantes na comunidade Linha Taquarussú  
Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2023).



**Figura 4 B:** Visita de campo com os estudantes no Distrito de Santa Lúcia  
Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2023).

Já no ano de 2024, tendo em consideração a grande quantidade de experiências e materiais levantados desde 2020<sup>10</sup>, no âmbito das disciplinas de Geografia e de Estudos e Projetos Culturais, está sendo executado o processo de sistematização e de análise desses dados/fontes, que estão sendo orientadas e coorientadas por um conjunto de quatorze jovens pesquisadores – todos pós-graduados e/ou vinculados a programas de pós-graduação de diversas regiões do Brasil<sup>11</sup>. Esse processo de orientação das pesquisas científicas com os estudantes da Educação Básica tem sido realizado desde o mês de maio de 2024, em maior medida, de maneira remota, por meio da plataforma *Google Meet*, o que tem facilitado exponencialmente o desenvolvimento do projeto.

De modo a instruir os estudantes e buscar maior conhecimento sobre o desenvolvimento de pesquisas científicas no âmbito escolar, foram organizadas duas oficinas de formação (Figura 7): i) “Pesquisar é preciso: o escrever como princípio da pesquisa”, com a doutora Alana Rigo Deon<sup>12</sup>, no dia 15 de agosto de 2024; e ii) “ABNT e formatação de trabalhos acadêmicos”, com a mestra Nira Azibeiro Pomar<sup>13</sup>, em 21 de agosto de 2024. Segundo o depoimento de Henrique Bertoldi (2024), estudante do 3º ano do Ensino Médio e integrante do projeto, *“essas formações se configuraram como momentos de muito aprendizado e foram realizadas em um contexto ideal da formação escolar, que se somaram às demandas da produção de pesquisa na sala de aula”*. O estudante ainda relata de forma enfática que, *“sem dúvidas, essas oficinas de formação foram inéditas no meu processo de ensino-aprendizado escolar”* (Henrique Bertoldi, depoimento escrito/informal, 2024, grifo nosso).

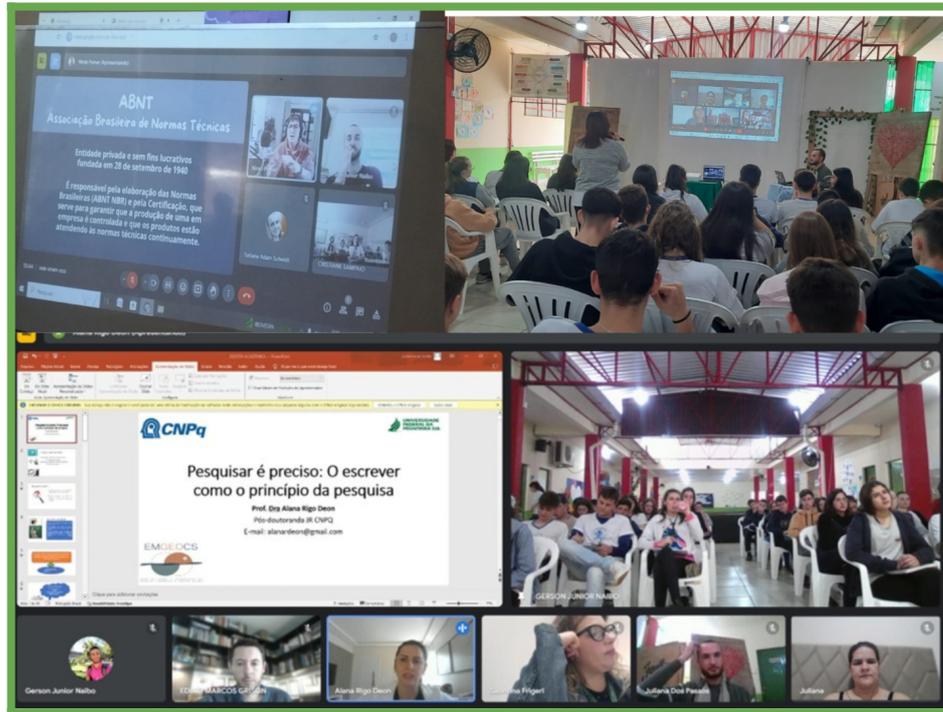
---

10 Entre esses materiais podemos destacar: diálogos informais, depoimentos, fotografias, etc.

11 Segundo Naibo *et al.* (2024, n.p.), “como exemplo, podemos citar o caso de orientadores e coorientadores: doutorando em Educação, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); doutorando em Educação, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste); mestres em Educação, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); mestre e doutorando em Geografia, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); doutorando em Geografia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); mestres e mestrandos em Geografia, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); doutorando em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); doutorando em Música, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc); mestrando em História, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); entre outros”.

12 Para conhecer a trajetória e as produções dessa pesquisadora, consulte o seu Currículo Lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1858249409420644>. Acesso em: 3 dez. 2024.

13 Para conhecer a trajetória e as produções dessa pesquisadora, consulte o seu Currículo Lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4611829136063387>. Acesso em: 3 dez. 2024.



**Figura 5:** Oficinas de formação para o desenvolvimento de pesquisas científicas ministradas para os alunos da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda em agosto  
Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2024).

Nesse mesmo ano, no dia 08 de setembro, em comemoração ao Dia da Independência do Brasil – celebrado oficialmente em 7 de setembro – e ao centenário do primeiro ato pedagógico na comunidade Linha São Brás, em Palmitos (SC), foi realizado um desfile cívico. A questão central deste desfile foi instigar e possibilitar a presença das comunidades rurais como agentes essenciais deste momento, já que em oportunidades anteriores – 2020, 2022 e 2023 – foi a escola que se deslocou até as comunidades. Ao todo, 14 comunidades rurais se fizeram presentes, juntamente com as suas entidades sociais (Clubes de Mães, Apostolado da Oração, conselhos, diretorias, times de futebol, etc.). Nessa oportunidade, também aconteceu a exposição de fotografias históricas e atuais dessas comunidades rurais. A exposição foi intitulada “Olhares além da janela: a escola vai às comunidades”, como pode ser observado na parte inferior da Figura 6, e foi desenvolvida também no âmbito das disciplinas de Geografia e de Estudos e Projetos Culturais. Referindo-se a esse momento comemorativo, a 2ª professora de Educação Especial da escola-sede do projeto, Cristiane Sampaio, e também integrante do projeto, reitera que:

*O centenário que ocorreu na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda é um marco histórico que celebrou sua trajetória de dedicação à educação e ao desenvolvimento da comunidade. Esse momento especial foi enriquecido pela participação ativa de alunos, ex-alunos, professores, pais e moradores, que se uniram em atividades culturais, apresentações artísticas e projetos colaborativos.*

*A interação entre gerações reforça o vínculo entre a escola e a comunidade, destacando o impacto positivo de um ato pedagógico que há 100 anos vem promovendo conhecimento, valores e cidadania. Essa celebração não apenas homenageou o passado, mas também renovou o compromisso com o presente e o futuro, fortalecendo o papel da escola e das demais instituições de ensino como um pilar da sociedade (Cristiane Sampaio, depoimento escrito/informal, 2024, grifo nosso).*



**Figura 6:** Desfile cívico em comemoração ao Centenário do primeiro ato pedagógico na comunidade Linha São Brás, em Palmitos (SC)

Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2024).

Atentando para a importância de se compreender a formação socioespacial do Oeste Catarinense, e tendo em mente que ela segue um padrão regional, especialmente no que se refere ao processo de colonização, no dia 7 de outubro de 2024, em uma aula interdisciplinar entre os componentes curriculares de História, Geografia e Estudos e Projeto Culturais, o professor e historiador Carlos Eduardo Rodrigues (vinculado à Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em História da UFS)<sup>14</sup> foi convidado para proferir uma palestra para os estudantes do 2º e 3º ano do EM sobre linchamentos no Oeste Catarinense nos seguintes municípios: em Chapecó, que ocorreu em 1950, tendo grande repercussão nacional; e em Maravilha, ocorrido em 1987 (Figura 7). Conforme refletiu felizmente o palestrante,

<sup>14</sup> Para conhecer a trajetória e as produções desse pesquisador, consulte o seu Currículo Lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3952470858457380>. Acesso em: 20 dez. 2024.

*Fiquei surpreso quando fui convidado para conversar com jovens sobre linchamento, em vista de ser considerado por muitos educadores como um tema tabu, mas confesso que me surpreendi muito, primeiro com a estrutura da escola, muito bem organizada e com uma equipe disposta. Segundo, em como os alunos prestaram atenção na minha fala e como contribuíram para a discussão de forma tão rica e desenvolta, demonstrando certo conhecimento prévio sobre o assunto (Carlos Eduardo Rodrigues, depoimento escrito/informal, 2024, grifo nosso).*



**Figura 7:** Palestra sobre Linchamentos no Oeste Catarinense: Chapecó (1950) e Maravilha (1987)  
Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2024).

Mais adiante, também no âmbito do projeto “A escola vai às comunidades”, ao longo dos dias 23, 24 e 30 de outubro de 2024, realizou-se o “I Seminário Escolar de Fluxos Migratórios do Oeste Catarinense (séculos XX e XXI)”. O Seminário teve início com a Conferência de Abertura intitulada “Processo migratório e colonização do Oeste Catarinense”, ministrada pelo Prof. Dr. José Carlos Radin<sup>15</sup>, vinculado à UFFS, *Campus* Chapecó (Figura 8). Essa atividade contou com a presença dos estudantes do Núcleo Educacional Municipal Professora Flávis Vitória Bondan Lazzari, do Distrito de Santa Lúcia, e do Núcleo Educacional Municipal Avelino Alves Triches, da comunidade Linha Passarinho, ambas pertencentes ao município de Palmitos (SC).

<sup>15</sup> Para conhecer a trajetória e as produções desse pesquisador, consulte o seu Currículo Lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6934053325322104>. Acesso em: 18 dez. 2024.



**Figura 8:** Palestra com o José Carlos Radin, no primeiro dia do Seminário de Fluxos Migratórios do Oeste Catarinense (séculos XX e XXI)

Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2024).

Durante o segundo dia de Seminário, houve a realização de uma Roda de chimarrão, com o título “Vidas em deslocamento – o que nos dizem quem veio para o Oeste de Santa Catarina?” (Figura 9). Essa atividade contou com a presença dos seguintes moradores do município de Palmitos (SC): Alcindo Preto, gaúcho que chegou a estas terras em 24 de agosto de 1953, após 13 dias consecutivos de viagem; Honorina Canello Gallon, também gaúcha, que migrou para Palmitos (SC) em 21 de abril de 1947; e Mirany Caña, imigrante venezuelana que veio ao Brasil em dezembro de 2021 e teve a sua documentação oficializada no mesmo ano.



**Figura 9:** Roda de chimarrão “Vidas em deslocamento – o que nos dizem quem veio para o Oeste de Santa Catarina?”

Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2024).

A última atividade do Seminário intitulada “Sementes: patrimônio cultural da humanidade” foi realizada no dia 30 de outubro de 2024 e contou com a palestra da professora Luana Rochemback (Luyan) e a mediação da professora especialista Loreci Maria Orsolin Pfeiffer (Figura 10). Conforme depoimento da palestrante:

*As sementes, mudas e animais fazem parte do cenário rural das comunidades que formam a família/comunidade escolar Jorge Lacerda. Cada cultura tem a sua biodiversidade associada. Muitos imigrantes que vieram para essa região trouxeram consigo sementes e mudas, porcos, galinhas e outros animais que garantiram os alimentos que até hoje ainda fazem parte da cultura camponesa, da gastronomia, da renda familiar e da história da nossa região. O protagonismo da mandioca, feijão e dos milhos nas mesas e nos roçados, evidencia o intercâmbio cultural com os povos originários que habitavam essa região. Atualmente vivemos uma grande extinção de espécies. Animais e plantas estão sendo irreparavelmente contaminadas por transgênicos, as sementes e saberes ancestrais estão sendo perdidos, as hortas e quintais diversos e produtivos têm sido marginalizados por falta de tempo ou por falta de importância econômica. A diversidade que ainda é mantida nas propriedades em geral é carregada de afeto, por conter memórias de infância dos antepassados. A escassa juventude rural se reúne nas escolas do campo que anualmente são assombradas com ameaças de fechamento. Ainda vivemos um processo que não é só de êxodo, senão de expulsão da juventude rural e da agricultura camponesa e familiar do campo para as cidades (Luana Rochemback – Luyan, depoimento escrito/informal, 2024, grifo nosso).*



**Figura 10:** Atividade do Seminário “Sementes: patrimônio cultural da humanidade”

Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2024).

Dando finalização ao ano letivo de 2024 e encerrando a execução das pesquisas científicas que estavam em andamento, nos dias 27, 28 e 29 de novembro, de maneira híbrida, foi realizado o “Seminário de Defesa Pública dos trabalhos do projeto ‘A escola vai às comunidades’” (Figura 11). É oportuno mencionarmos que todas as pesquisas defendidas têm como especialização geográfica e de análise a comunidade de residência dos estudantes, que corresponde à região de abrangência da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda, sendo elas: Linha São Brás, Linha Aparecida, Linha Cascalho, Linha Taquarussú, Linha Tecchio, Linha Nova Brasília, Linha da Gruta, Linha Ponte de Pedra, Linha Pokulat, Linha Orsolin, Linha Marcon e o Distrito de Santa Lúcia.



**Figura 11:** Seminário de defesa pública dos trabalhos vinculados ao projeto “A escola vai às comunidades”  
Fonte: Acervo da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda (2024).

Ao todo, foram 20 horas de seminário, com a apresentação dos 12 trabalhos, em formato de artigos científicos. As pesquisas foram examinadas por mais de 40 avaliadores com currículos de grande estima, alguns deles sendo internacionais, como o caso de pesquisadores da Universidad del Cauca (Unicauca), da Colômbia, e muitos outros tendo vínculo com Programas de Pós-Graduação na Europa, a exemplo da Universidade de Lisboa (ULisboa), de Portugal. Esse momento foi bastante importante para a formação dos estudantes. De acordo com o depoimento de Ana Laura Lisch, estudante do 3º ano do EM e integrante do projeto:

*É difícil expressar em palavras a relevância desse seminário. Mas, sem dúvidas, foi um momento ímpar no nosso processo de formação escolar, nos preparando para a vida universitária. E demonstrando, sobretudo, a importância do diálogo entre pares para a construção do conhecimento científico e crítico (Ana Laura Lisch, depoimento escrito/informal, 2024, grifo nosso).*

De maneira analítica, a realização do projeto “A escola vai às comunidades”, desde o ano de 2020, com o envolvimento de diferentes disciplinas, conjuntamente com toda a comunidade escolar, compreende diferentes habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Conforme Ribeiro, Andreis e Naibo (2019, p. 95), “a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento que foi previsto na Constituição de 1988, na LDB de 1996 e no Plano Nacional de Educação de 2014, e foi preparada por especialistas das diferentes áreas do conhecimento”.

e do Currículo Base do Território Catarinense. É um projeto que se ancora em princípios das políticas educacionais e curriculares brasileiras e catarinenses vigentes, mas que extrapola para as realidades de vida dos estudantes, seus lugares de residência – ricos em angústias, incertezas, memórias e felicidades. Além disso, as pessoas, enquanto pertencentes aos seus lugares, possuem identidade, e este projeto vem para somar e aguçar esses sentimentos. Para encerrar este tópico, deixamos aqui registrado o depoimento da gestora Simone, a principal idealizadora deste projeto:

*Ao integrar o projeto 'A escola vai às comunidades', na escola de Educação Básica Jorge Lacerda em específico, essa prática se revelou de forma significativa, pois proporcionou aos alunos, professores, e a comunidade escolar em geral, uma conexão direta com as realidades sociais e culturais que os cercam em si, ampliando suas percepções sobre o mundo e estimulando a reflexão crítica acerca da sua realidade, bem como suas vivências. Assim, a pesquisa científica exerce um papel fundamental na formação intelectual, crítica e cidadã dos estudantes da Educação Básica, especialmente no contexto do Ensino Médio. No contexto do projeto 'A escola vai às comunidades', a pesquisa ganha uma dimensão ainda mais enriquecedora, pois permite que os estudantes se apropriem de temas e questões locais, promovendo a troca de saberes e fortalecendo a relação entre a escola e a comunidade. Os alunos deixam de serem meros receptores de informações e se tornam protagonistas na construção do conhecimento, tendo a oportunidade de analisar a realidade e propor soluções para problemas que afetam diretamente o seu entorno, esse envolvimento transforma-se em sentimento de pertencimento, pois suas realidades afloram e os conhecimentos passam a ter mais sentido. Entretanto, faz-se necessário ressaltar sobre as vivências em campo, com a participação ativa das comunidades, das famílias, onde a contribuição para a formação de um olhar mais empático e solidário se manifestou de forma ímpar, tornando o olhar do aluno e das famílias para seus contextos, mais significativos. A pesquisa, nesse contexto, vai além do acadêmico e se transforma em uma ferramenta de transformação social, desenvolvendo nos estudantes não apenas competências intelectuais, mas também uma postura ética e responsável em relação à sociedade. Portanto, a pesquisa desenvolvida na escola, aliada ao projeto 'A escola vai às comunidades', contribuiu de maneira decisiva para a formação de jovens mais preparados para pensar criticamente, agir de forma responsável e se envolver ativamente na construção de um futuro mais justo e igualitário. A educação, nesse sentido, deixa de ser algo isolado e passa a ser um instrumento de mudança social, promovendo a cidadania plena e a participação consciente dos estudantes na vida social e política, o que é essencial para o exercício pleno da cidadania (Simone Ugolini Gianezini, depoimento escrito/informal, 2024, grifo nosso).*

#### **4. Considerações finais: para continuar possibilitando pesquisa na sala de aula...**

Pensar e promover uma educação científica na escola não é uma tarefa fácil; no entanto, o projeto “A escola vai às comunidades” tem sido uma expressão de uma realidade possível e alcançável, por meio de planejamento e de esforço coletivo. Nisso, é importante considerar que a pesquisa não se desenvolve unicamente por um sujeito, individualmente, mas, sim, por toda uma

coletividade envolvida. Além de que, refletir e escrever sobre a historicidade e geografia local, envolve desafios múltiplos, desde a inexistência de fontes (especialmente documentos escritos), bem como implica um processo de (re)existência dos estudantes e dos pesquisadores que estão empenhados nisso. Segundo depoimento de Gustavo Bertoldi, estudante do 3º ano do EM e integrante do projeto, *“escrever sobre as nossas comunidades, enquanto jovem, é um processo complexo, especialmente pelas divergências de vivências e pensamentos – sobretudo culturais – com pessoas com de mais idade se mostrarem acentuadas”*. Quando nos referimos a essa (re)existência, no campo da historiografia, pensamos fundamentalmente na construção de pesquisas ancoradas na perspectiva crítica de uma contra-história<sup>17</sup>, em contraponto à história oficial<sup>18</sup> e à história utilitarista<sup>19</sup>. Conforme Gerson Junior Naibo, no Oeste de Santa Catarina, essas narrativas são normalmente

[...] interpretadas em seus inúmeros registros a partir da perspectiva do que era concebido como progresso e desenvolvimento nos aspectos econômicos, sociais e culturais, alavancado por meio dos ideários da colonização enquanto descobrimento e fundação. Em razão disso, discutir o processo de ocupação do território regional sempre foi algo difícil, símbolo da resistência de pesquisadores que buscam viabilizar a reconstrução da história, dando visibilidade aos grupos sociais que foram historicamente marginalizados frente ao discurso da história oficial dessa região (Naibo, 2024, p. 87-88).

Desse modo, retomando a discussão traçada inicialmente na introdução e na epígrafe deste artigo, sublinhando que o cenário de desmonte da educação pública pelo qual o Brasil tem passado nos últimos anos requer que andemos juntos. Pensar a esperança em tempos árdus exige mobilização coletiva e planejamento, de modo que consigamos subverter a ordem dos fatores. Um exemplo é utilizar-se das disciplinas que visam desenvolver habilidades e competências de modo a melhor qualificar os estudantes enquanto mão de obra barata ao mercado, e pensar formas de instrumentalizá-los criticamente sobre sua história e realidade, bem como o projeto vem propondo.

17 Segundo Arlene Renk (2005 [2000], p. 109), a contra-história “é simetricamente oposta à História Oficial. Ela é silenciosa, subalterna, sem registros, sem marcos públicos, salvo aqueles da história feita corpo dos atores e depositária nos fragmentos da memória. É construída por todos e em todos os dias, nas pequenas e nas grandes ações”.

18 A história oficial “[...] é a história do colonizador, é pública, explícita e ostenta seus ‘marcos’. Um desses é o registro de ‘primeiridades’. Aqui se insere a primeira árvore plantada, a primeira praça inaugurada, a primeira missa rezada, a primeira professora, o primeiro prefeito, o primeiro automóvel, a primeira ‘venda’ e assim por diante. Podem encher cadernos e cadernos de ‘primeiridades’. A História Oficial procura apresentar-se enquanto corpo coerente, ‘neutro’, advogando-se a versão ‘oficial’, em maiúsculo. Extirpa os sentimentos, as contradições, as adversidades e as diversidades, que poderiam trair o ‘caráter científico’. Privilegia os ‘atos e fatos importantes’, os fatos ‘heróicos’, deixando de lado tudo o que considera desimportante. E considera desimportante tudo o que diz respeito às pessoas comuns, de carne e osso, e aquilo que não tem registro” (Renk, 2005 [2000], p. 107-109).

19 De acordo com Arlene Renk (2005 [2000], p. 107), a história utilitarista “é a dimensão pública da história dos vencedores, daqueles que ‘fizeram história’, ‘daqueles que deram certo’, ‘daqueles que venceram’, no estilo ‘gente que faz’. Não há lugar para os fracassos, nem para as pequenas ações do cotidiano, tampouco para as pessoas comuns”.

E este projeto vem como uma forma de repensar a competitividade das normas que regem o mundo neoliberal, enquanto formas de caminhar juntos, de mãos dadas, em um movimento de formar cidadãos críticos, pensantes e proponentes para o espaço-tempo da vida.

**Enquanto resultados parciais, consideramos que a pesquisa na escola:** i) aprimora a visão dos estudantes acerca da análise científica; ii) amplia os conhecimentos sobre a realidade local e regional e retoma, também, os saberes tradicionais, e, nesse sentido, não podemos deixar de considerar que “a educação sempre lida com os saberes em que se assenta a vida humana em sociedade” (Marques, 2000, p. 115); e iii) desenvolve o senso crítico e as habilidades de escrita e de leitura. Isso, essencialmente, levando em consideração a ideia de Mario Osorio Marques (1997), para quem a escrita é também um exercício reflexivo e pensante. Desse modo, reiteramos que, ao longo das suas edições, o projeto teve diferentes objetivos, e no presente ano (2024) tem focado na publicação científica e literária dos seus resultados. Por fim, concluímos que a execução do projeto, desde 2020, por meio da articulação entre a comunidade e a escola (e igualmente de instituições de Ensino Superior), aponta para o seu êxito na formação intelectual, crítica e cidadã dos estudantes, fomentando, ainda, as relações e os laços afetivos entre as famílias e o restante da comunidade escolar.

Entre os desafios encontrados nesse processo de pesquisa na escola, no ano de 2024, o principal foi a limitação de tempo disponível para os estudos e a execução do projeto, porque os estudantes, professores, orientadores e coorientadores tiveram que desenvolver as pesquisas entre os meses de maio e dezembro de 2024, o que é razoavelmente pouco tempo para uma produção científica escolar do nível e da magnitude que se estruturou. Essa questão se acentua pelo fato de que a grande maioria dos estudantes serem trabalhadores rurais no contraturno escolar, e os professores, orientadores e coorientadores, também possuíam vínculos trabalhistas, em geral, sem serem de dedicação exclusiva. Além disso, como desafio, igualmente é importante destacar o grande índice de professores em Admissão de Caráter Temporário (ACT), que, infelizmente, ainda perdura no estado de Santa Catarina<sup>20</sup>. Certamente, isso dificulta o planejamento e o desenvolvimento de trabalhos em médios e longos prazos, como o caso do projeto “A escola vai às comunidades”. Para encerrar, esperamos que este projeto possa prosperar e inspirar muitas outras instituições escolares, especialmente da rede pública de ensino. E que, em 2025, na Escola de Educação Básica Jorge

---

<sup>20</sup> Nesse caso, reconhecemos que no ano de 2024 o Governo do Estado de Santa Catarina, realizou um dos maiores concursos da história do magistério catarinense. As contratações dele já estão em andamento e os aprovados e selecionados devem iniciar a sua atuação profissional, como servidores efetivos, em fevereiro de 2025. Avaliamos isso como um passo importante para os profissionais da educação. Para saber mais, consulte: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2024/11/29/resultado-oficial-concurso-educacao-sc-divulgado-confira.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2024.

Lacerda, na comunidade Linha Sãos Brás, em Palmitos (SC), o nosso foco seja a efetivação da publicação dos dois produtos já elaborados – em processo de revisão e, em breve, de editoração – e a produção de materiais audiovisuais e imagéticos, visando à popularização dessas histórias, memórias e conhecimentos populares e ancestrais.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 2024 [1940]. 94 p.

BERTOLDI, Henrique *et al.* A pesquisa enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem na Educação Básica. In: *História em Debate: Fronteiras, Migrações e Sociedades; Seminário Internacional Naturezas; e Fronteiras e Seminário de Pesquisa PPGH/UFGS*, 8., 2024, Chapecó. **Cadernos de Resumos do VIII História em Debate**. Chapecó: Comissão Organizadora do Evento, 2024. v. 6, p. 44.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS e Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, 2003 [1998]. p. 57-63.

CÁSSIO, Fernando; GOULART, Débora Cristina. A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 16, n. 35, p. 285-293, 2022.

CARVALHO, Merise Santos de. **A pesquisa educacional sobre a escola pública no ensino fundamental, nos projetos e relatórios de pesquisa elaborados por docentes das universidades brasileiras**. 2004. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2005.

GALLON, Paulo Vitor *et al.* Pesquisa na Educação Básica: um relato de experiência na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda. In: *Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão (SEPE)*, 13, 2024, Chapecó. **Anais do XIII Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão (Sepe) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFGS)**. Chapecó: UFGS, 2024.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014 [publicado originalmente na Inglaterra, em 2005, com o título *A brief history of neoliberalism*]. 256 p. Tradução de: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Giseli Barreto da. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l.], v. 35, n. 125, p. 81-109, 2005.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Unijuí, 1997. 140 p. (Coleção Educação).

MARQUES, Mario Osorio. A educação no limiar do terceiro milênio, exigente de um outro paradigma. **Contexto e Educação**, [s. l.], v. 15, n. 9, p. 113-128, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

NAIBO, Gerson Junior; GRAEFF, Ademar. O uso do livro didático por professores de Geografia durante as aulas remotas em Santa Catarina. In: COPATTI, Carina; ANDREIS, Adriana Maria; CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Políticas educacionais, cidadania e educação escolar**: múltiplos olhares. São Carlos: Pedro & João, 2022. Cap. 13. p. 219-230.

NAIBO, Gerson Junior; GRAEFF, Ademar; CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. “Não é mais como era antes”: reflexões sobre o forma-se professor de Geografia em tempos de pandemia. In: ANDREIS, Adriana Maria; COPATTI, Carina (org.). **Trajetórias geográficas coetâneas das políticas educacionais**. São Carlos: Pedro & João, 2022. Cap. 4. p. 83-97.

NAIBO, Gerson Junior. **As paisagens da religião e os espaços de devoção pela fé**: uma compreensão geográfica do Santuário de Nossa Senhora da Salete no município de Caibi - Santa Catarina. 2024. 478 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó e Erechim, 2024.

NAIBO, Gerson Junior *et al.* A escola vai às comunidades: a pesquisa como possibilidade educativa. In: SEMINÁRIO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO (SEPE), 13, 2024, Chapecó. **Anais do XIII Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão (Sepe) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)**. Chapecó: UFFS, 2024.

NININ, Maria Otilia Guimarães. Pesquisa na escola: que espaço é esse? o do conteúdo ou o do pensamento crítico?. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 17-35, 2008.

RENK, Arlene. **Dicionário nada convencional**: sobre a exclusão no oeste catarinense. 2. ed. Chapecó: Argos, 2005 [2000]. 116 p. (Debates). Fotos de: Eliane Fistarol.

RIBEIRO, Tatiane; ANDREIS, Adriana Maria; NAIBO, Gerson Junior. Pesquisa na escola em diálogo com o projeto “Nós Propomos!”: um debate metodológico. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 91-101, 2019.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado de Educação. Coordenadoria Regional de Educação de Palmitos. Escola de Educação Básica Jorge Lacerda. **Formulário de Matrícula**. Palmitos, 2024.

SIMÕES, Willian. O lugar das Ciências Humanas: na “reforma” do ensino médio. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 45-59, 2017.

TREVISAN, Janaina Gaby; OLIVEIRA, Tayane de; NAIBO, Gerson Junior. A relação escola versus trabalho de jovens durante o Ensino Médio Noturno. **Revista Pensar Geografia**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 1-21, 2024.

UNIÃO dos Dirigentes Municipais de Educação de Santa Catarina. Governo do Estado detalha Plano de Contingência para Educação à comunidade escolar. 2020. Disponível em: <https://undime-sc.org.br/noticias/governo-do-estado-detalha-plano-de-contingencia-para-educacao-a-comunidade-escolar/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

### **Agradecimentos**

Agradecemos a todas as pessoas que, de alguma forma, se envolveram com a execução do projeto “A escola vai às comunidades”. De maneira especial, gratificações a todos os orientadores e coorientadores, que foram pessoas fundamentais para o processo de planejamento, sistematização e desenvolvimento das pesquisas sobre as comunidades rurais de abrangência da Escola de Educação Básica Jorge Lacerda. Igualmente, congratulações são deixadas para a empresa Foccus Consultoria Científica (CNPJ: 50.663.591/0001-55) e para a Dra. Karen Gomes da Rocha<sup>21</sup>, por todo o cuidado e pela assistência na revisão ortográfica e gramatical deste artigo, bem pela tradução do resumo da língua portuguesa do Brasil para a língua inglesa. Registramos, também, os agradecimentos à Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), Lei n.º 14.399/2022, pelo recebimento de recursos financeiros ao referido projeto na categoria “literatura”.

---

<sup>21</sup> Para conhecer mais sobre essa pesquisadora e revisora, acesso o seu Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0259350636981582>. Acesso em: 20 dez. 2024.